

A leviandade orgulhosa

Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo *

Necessário o ressentimento varrido para falar de sentimento. Forçar a razão ao máximo ao ponto de poder diferenciar pensamento e conhecimento, honrando uma espécie de *Crítica da razão pura* de Immanuel Kant. Varredura que requer além do tempo, a franqueza e a integridade, para que possa ousar e varrer a fraqueza e a omissão. Ou seja, possuir um amparo mínimo necessário.

Tenho dito que o feminino se sente amparado quando está amparando, sobretudo quando ampara o masculino desamparado, no entanto o masculino pode se enganar ao sentir-se amparado amparando, mas na verdade só se sentirá amparado quando enfrenta o desamparo e o vence. Torna-se então habilitado a amparar.

O que fazer quando, em meio ao desamparo, condição humana inevitável, as línguas se confundem? Quando não há o alcance para o entendimento, e, portanto, para o conhecimento. Quando os homenzinhos se entregam soltos aos seus pensamentos os julgando conhecimentos. O que fazer quando a levidade, a levidão, a ligeirice se apossa dos pensamentos e na ligeireza os forjam em conhecimentos?

Os antigos diziam que mais perigoso que a ignorância é a quase ignorância que se pensa saber. Pois. Mais perigoso que a leviandade, normalmente despida pela sua natureza de qualquer sentimento exagerado de amor-próprio ou altivez, é a leviandade orgulhosa, cheia de leve brio e vaidade e, que na soberba ligeira, se sabe conseqüente e permanente.

O que fazer em meio a essa confusão de linguagem? Onde a curiosidade da criança que pergunta vira impertinência, família quimera, o rogo um ato de fraqueza, a indignação histeria, a história um amontoado de recordações rasgáveis, a poesia deleite de sarau festeiro, música simples entretenimento, ciência o que dá lucro e arte aquilo que um high society batiza aos quilos?

Não, não há nada fazer. É esperar que o tempo desentranhe o embuste como a crise do capitalismo previsto por Marx, que das máximas ufanistas dos “anos 30 nunca mais” assiste-se o desmanche dos leves papeluchos nas ditas bolsas de valores. Capitalismo hoje que desonra o próprio capitalismo, que de tão apartado do sistema produtivo nutre-se do consumismo

cancerígeno dos valores que podem tornar e manter uma sociedade minimamente moral.

Não, não há nada a fazer, além de esperar, quando a **leviandade se torna orgulhosa.**

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).